



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Bombeiros trabalham para controlar incêndio depois de um ataque com drones a prédio residencial de Okhtyrka (nordeste)

“Não temos o direito de ceder terras”, diz Zelensky

Presidente da Ucrânia e líderes europeus reforçam alinhamento e tentam costurar nova versão do acordo para encerrar conflito, depois de críticas dos Estados Unidos. Kiev descarta a entrega de territórios para a Rússia

» RODRIGO CRAVEIRO

Em entrevista coletiva on-line, no dia em que se reuniu com as principais lideranças europeias, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, praticamente pôs uma pá de cal sobre as condições do líder russo, Vladimir Putin, para pôr fim à guerra. “Estamos considerando ceder territórios? Não temos nenhum direito legal de fazê-lo, em virtude da legislação ucraniana, de nossa Constituição e do direito internacional. E também não temos nenhum direito moral”, declarou. A anexação definitiva por Moscou da região do Donbass — formada por Donetsk e Luhansk — e da Península da Crimeia é um ponto central do plano apresentado pelo governo Donald Trump para o cessar-fogo no Leste Europeu.

Além da resistência de Zelensky, a proposta da Casa Branca esbarra na disposição da Europa em apoiar Kiev. O presidente ucraniano manteve um encontro de quase duas horas com o primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer; o chanceler da Alemanha, Friedrich Merz; e o presidente da França, Emmanuel Macron, em 10 Downing Street, a sede do governo britânico, em Londres. Antes da reunião, o francês reconheceu que “o principal problema é alcançar a convergência” entre os pontos de vista da Ucrânia, dos aliados europeus e dos Estados Unidos. Macron considera que essa confluência seria necessária “para concluir essas negociações

Ativos russos para ajudar Kiev

A questão do uso de ativos russos congelados na Europa para financiar a Ucrânia poderia constar da agenda das negociações. A Comissão Europeia, órgão executivo da União Europeia, apresentou plano para recorrer aos ativos russos congelados na Europa, mas tem resistência da Bélgica, país onde está localizada a plataforma de negociação Euroclear, que detém, aproximadamente, US\$ 244 bilhões (cerca de R\$ 1,3 trilhão) em ativos da Rússia, dos quase US\$ 274 bilhões (ou R\$ 1,4 trilhão) que estão na UE.

de paz e, então, iniciar uma nova fase nas melhores condições possíveis para a Ucrânia, para os europeus e para a segurança coletiva”.

Por sua vez, o alemão mostrou descrença sobre uma solução pacífica. “Sou cético em relação a alguns detalhes que vemos nos documentos dos Estados Unidos, mas precisamos discuti-los. É por isso que estamos aqui”, disse. A perspectiva é de que Zelensky, que viajou ontem para a Itália, apresente aos Estados Unidos a versão da Ucrânia do plano de cessar-fogo. Depois do Reino Unido, ele visitou a Bélgica. Os encontros em



Zelensky (E), com o premiê britânico, Starmer (o segundo à esquerda); o chanceler alemão, Merz (segundo à direita); e o presidente francês, Macron

Londres, Bruxelas e em Roma têm a intenção de unificar posições em torno de uma proposta europeia.

Professor de política comparada da Universidade Kyiv-Mohyla, Oleixy Haran explicou ao *Correio* que o direito internacional não reconhece mudança forçosa de fronteiras ou a anexação territorial. “Quando a

Venezuela pretendeu anexar a Guiana, o que o governo brasileiro disse?

Acho que esse é um exemplo muito claro”, afirmou. “A Rússia e nenhum outro país têm o direito de fazer isso. Moscou tem violado todos os acordos que assinou com a Ucrânia. Se a comunidade internacional reconhecer essas anexações, abrirá uma caixa

de Pandora, pois há muitos territórios em disputa no mundo.”

De acordo com Haran, a Rússia adotou uma “lei da selva” para tratar da Ucrânia. “Zelensky está absolutamente certo. Nós não podemos reconhecer a cessão territorial, sob o viés da legalidade. Estamos prontos a adotar um cessar-fogo ao longo do

front. Isso significa que os territórios anexados permanecerão sob controle da Rússia, não sabemos por quanto tempo, nem quando a Ucrânia será capaz de liberá-los. É algo muito doloroso para nós”, observou o estudioso. Ele acusou a Rússia de tentar esmagar a identidade ucraniana nos territórios ocupados.

FEMINÍCIO

Sapatos vermelhos para criar consciência

Domingo, 7 de dezembro, colônia Senderos del Sol, na região de Ciudad Juárez. O corpo de María Elena, de brucos, tinha sinais de violência e um fio elétrico enrolado no pescoço. Quinta-feira, 23 de outubro, Ecatepec. Um homem derrama gasolina contra um ônibus de transporte exclusivo para mulheres e ateia fogo. O motorista age rápido e impede um massacre. Todos os dias, 11 mulheres são assassinadas no México. A artista plástica mexicana Elina Chauvet, 66 anos, decidiu erguer a voz de forma silenciosa contra o feminicídio, uma epidemia em seu país. Ela transformou sapatos femininos pintados de vermelho em um poderoso símbolo de resistência e de protesto. Também fez de sua dor e de uma tragédia familiar motivos para se levantar contra a matança de mulheres.

“Os sapatos vermelhos foram uma maneira que encontrei de tornar a ausência visível, o oco que essas mulheres deixaram, o vazio. A cor vermelha representa o sangue derramado, mas também o amor. É uma obra que nasce do amor. Do amor pela minha irmã, vítima de feminicídio, de sua ausência. Tínhamos apenas um ano de diferença. Crescemos juntas, até os 30 anos estivemos unidas. Ela morreu aos 32 anos. Foi como se tivessem me partido ao meio. Dedico minha obra à

minha irmã e a todas as mulheres que perderam suas vidas pelas mãos de um homem”, explicou Elina ao *Correio*, por telefone.

A primeira instalação com sapatos vermelhos foi montada em 2009. “Ela obedeceu a uma série de feminicídios e de assassinatos de mulheres ocorridos no México. Os feminicídios começaram, em meu país, no início da década de 1990. Para mim, chegar aos sapatos vermelhos envolveu um processo pessoal, porque minha irmã foi vítima de feminicídio, de violência doméstica”, contou. “Foi um processo de muitos anos, falar de diferentes tipos de violência. Foram anos de reflexão sobre a violência doméstica e outras violências enfrentadas pelas mulheres”, acrescentou Chauvet.

Visibilidade

De acordo com a artista, o projeto foi criado para visibilizar todas as violências. “Isso inclui o desprezo pela vida e pelo corpo das mulheres, que são enormes. Não tenho palavras para descrever o quanto monstruoso tem sido isso”, desabafou. Quando iniciou as instalações, Elina vislumbrou a possibilidade de levar o projeto para outros países. “A violência contra as mulheres está presente em todo o mundo, não reconhece fronteiras, nem culturas



A obra da artista mexicana Elina Chauvet em Cremona (Itália), em 2015: 600 instalações em 30 países

ou diferenças econômicas e sociais. Pensei nesse projeto como algo mundial. É um modo de comunicar às pessoas a minha preocupação. Uma preocupação coletiva, a fim de buscar soluções e fazer com que os homens e as mulheres reflitam, além de educar as crianças sobre esse assunto.” Cerca de 600 instalações de Elina foram vistas em 30 países. As últimas foram vistas em 25 de novembro passado, no México, na Alemanha, Itália, Barbados e Países Baixos.

A mexicana acredita que, quanto mais consciente existir, mais oportunidades haverá de erradicar o feminicídio. “Sou artista e, de alguma maneira, a ferramenta de que disponho é a arte”, disse ela. No México, muitas mortes de mulheres são motivadas pelas redes do narcotráfico. “Mas, por aqui, há todo um sistema machista. Eu gostaria de pensar que os homens refletiam realmente sobre a violência que exercem contra as mulheres. Não espero que os

sapatos mudem a situação. A arte ajuda a fazer reflexões. Transmite mensagens por meio da obra. Eu gostaria que houvesse a receptividade dos homens, que se mostram um pouco reticentes a aceitar que cometem violência contra as mulheres”, destacou Chauvet. Ela defende a integração de homens e mulheres para pôr fim a esse atraso social. “O feminicídio tem causado um enorme dano. Precisamos mudar o pensamento e o futuro das novas gerações.”



Os sapatos vermelhos foram uma maneira que encontrei de tornar a ausência visível, o oco que essas mulheres deixaram, o vazio”

Elina Chauvet,
artista plástica mexicana

A violência bateu à porta da família de Elina com o assassinato da irmã. “Foram anos de reflexão e de lamento por sua morte, de querer explicá-la e entender que ocorreu por causa da violência machista, que controla as condutas, reprime e castiga as mulheres”, explicou a artista mexicana. No México, em média, 6,2 mulheres por cada 100 mil são mortas — quase o dobro do Brasil, que registra uma taxa de 3,5 assassinatos. (Rodrigo Craveiro)